



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9136 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT12 - Currículo

**AS PESQUISAS COM OS COTIDIANOS ESCOLARES EM TEMPO DE PANDEMIA E
NECROPOLÍTICAS: INSURGÊNCIAS POSSÍVEIS**

Marina de Oliveira Delmondes - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

**AS PESQUISAS COM OS COTIDIANOS ESCOLARES EM TEMPO DE PANDEMIA
E NECROPOLÍTICAS: INSURGÊNCIAS POSSÍVEIS**

Resumo: O texto problematiza as insurgências possíveis da realização dos estudos que apostam na metodologia das pesquisas com os cotidianos. Diante do contexto da pandemia do coronavírus, que nos surpreendeu no início de 2020 e continua a vitimar milhares de vidas, e da necropolítica (MBEMBE, 2020) implementada na “era” Bolsonaro, obstruindo sanitariamente a seguridade da abertura das escolas, pensamos: que movimentos são possíveis nas pesquisas com os cotidianos escolares? Para pensar os processos de tessitura dessa metodologia de pesquisa utilizamos Alves (2008), Carvalho (2009) e Kretli e Delboni (2014) como intercessoras. A partir de Mbembe (2019, 2020), Centelha (2019) e Silva (2020) problematizamos o tempo pandêmico e a necropolítica. Por fim, apontamos que ao assumir a metodologia das pesquisas com os cotidianos escolares pode ser, ou não, necessário conceber os espaços virtuais como um plano de imanência. Um plano enredado por redes de conversações e habitado por múltiplos corpos que, por meio dos artefatos tecnológicos, insurgem entre negociações, invenções e resistências.

Palavras-chave: Pesquisas com os cotidianos. Pandemia. Necropolítica. Insurgências.

Palavras que anunciam um campo problemático

Este texto problematiza a realização da metodologia das pesquisas com os cotidianos em tempo de pandemia. Em frente ao contexto da Covid-19 que surpreendeu o mundo e o Brasil no início de 2020 com o fechamento abrupto das escolas, indagamos: que insurgências são possíveis nas pesquisas com os cotidianos?

Acrescido ao fator pandêmico, no Brasil vivemos a “era” Bolsonaro marcada por inúmeras negligências: sanitária, política e ética, que já vitimou mais de 480 mil vidas^[1]. O contexto vivido pode ser considerado como uma necropolítica (MBEMBE, 2020).

Não ignorar o fator político que afeta a realização das pesquisas em tempo de pandemia, uma vez que o cenário caótico está diretamente condicionado ao modo indiligente do governo federal, se torna emergente para pensar os estudos acadêmicos no país. Concordamos com Centelha (2019, p. 51),

[...] a tarefa fundamental no Brasil é a destruição da máquina necropolítica que pulsa no coração de seu Estado. Essa máquina permaneceu intocada por todos os governos que conhecemos até hoje porque essa é a essência do próprio Estado brasileiro. Para combatê-la, não basta cerrar fileiras com a lógica gestonária da política de direitos humanos, que será sempre uma política de redução de danos. É preciso fazer desabar todo aparato disciplinar do Estado, suas noções de ‘segurança nacional’ e de ‘garantia da lei e da ordem’.

Decerto, fissurar a máquina necropolítica tem a ver com romper a máquina capitalista que sobrepõe o capital às vidas. Ao longo de 2020 e nesse primeiro semestre de 2021, podemos enumerar falas presidenciais – não iremos citá-las – que apontam: a preocupação econômica, o descaso com um vírus mortal e invisível, a afronta à ciência e às pesquisas, o crime sanitário com a promoção de aglomerações, a incúria com as negociações na compra das vacinas, entre outras posturas que sinalizam a filosofia política deste des-governo.

Concernente ao objeto desse estudo, o impasse concentra-se na (in)segurança do retorno às aulas. Se por um lado, as escolas continuam sendo preparadas para receber e acolher alunos e profissionais, o que daria condições para a realização presencial de uma pesquisa com os cotidianos escolares, por outro, os discursos e imagens de governantes enunciam o não uso ou a utilização errônea das máscaras, as aglomerações e o descaso com o isolamento social, expandindo a circulação do vírus na sociedade e afastando a possibilidade imanente de um retorno escolar seguro.

Portanto, as escolas não podem ser concebidas apenas como um lugar de redução de danos, abrindo-as para sanar problemáticas referentes ao ensino e ao assistencialismo, visto que o problema da fome, da violência doméstica e do trabalho infantil acirrou de modo considerável na pandemia.

Contudo, concebemos os cotidianos escolares como espaços-tempos onde a vida insurge de modo a garantir o que Mbembe (2020, s/p.) chama de o direito universal à respiração. Assim, que respirações são possíveis com as escolas neste tempo pandêmico?

Insurgências possíveis I: um outro cotidiano escolar

A pandemia do coronavírus delegou um grande desafio: tecer outros modos de pesquisar com os cotidianos escolares de modo a inventar um outro lugar da escola. O ensino remoto, iniciado em março de 2020, foi um acontecimento inesperado que deslocou as salas de aulas para dentro dos lares e as práticas-pedagógicas para um espaço-tempo composto pelas tecnologias educacionais.

Negociações e invenções adentram os espaços-tempos escolares e extrapolam os ambientes físicos da educação. Por zonas fronteiriças e por manifestações intensivas, as vivências curriculares e docentes fissuram a necessidade de apenas produzir dados em uma

pesquisa educacional e insurgem outros processos de vidas com cotidianos escolares outros.

Espaços embaçados, conexões instáveis das redes de internet, câmeras fechadas e abertas, o temporal que embaralha os processos de formação docente, de aulas, de reuniões e de tessituras das práticas-políticas curriculares irrompem processos institucionalizados e inventam linhas de fuga possíveis em meio a uma educação complexificada pelos acontecimentos atuais.

Com as atividades pedagógicas ocorrendo via artefatos tecnológicos, WhatsApp, sites, blogs, google sala de aula, do qual a maioria dos docentes e discentes não tinham o domínio, observamos que por um lado, esse modo de educar dava acesso ao ensino à comunidade escolar e à produção da pesquisa, por outro, revelava a fragilidade social e tecnológica da educação.

Concordamos com Silva (2020, p. 124): “À medida que a propagação do vírus aumentava, conjuntamente com o número de mortes, aspectos ambientais, econômicos, sociais, afetivos, psicológicos, familiares, entre outros afetavam diretamente alunos e professores”.

A afirmativa da autora é percebida em nosso cotidiano escolar. Com o contínuo agravamento da pandemia e com as medidas de captura dos alunos sendo necessário, foi possível perceber o quanto as desigualdades sociais estão presentes de modo aguçado na vida dos *praticantes* (CERTEAU, 2014) das escolas públicas.

As ações “Busca Ativa”, ligações para as famílias e as entregas de atividades de modo presencial ocorridas mensalmente nas escolas, mostraram que para além de um distanciamento social que marca de modo considerável a educação nesta década, também sinaliza o quanto precisamos avançar em termos de acesso as tecnologias para as comunidades escolares: discentes, docentes, funcionários, famílias.

Diante deste contexto e inserida em uma realidade social diversificada, consideramos os cotidianos escolares a partir de Kretli e Delboni (2014, p. 177):

O cotidiano escolar, entendido como campo micropolítico, constitui-se em um *espaçotempo* praticado por singularidades, agenciamentos, desterritorialidades, devires, enredando o afetivo e cooperativo das práticas, das experiências, dos movimentos entrelaçados aos dados da realidade que o circula, que se inscreve no ambiente escolar, fazendo uma interlocução com todos os planos do social na composição e produção de subjetividades.

Assumimos os cotidianos escolares como um plano de imanência, lugar de composição de vidas e redes complexas de significações. Cotidianos que extrapolam a institucionalização escolar e fazem-vazar processos educacionais que pulsam em bairros, becos, vielas, casas, apartamentos, barracões e suas múltiplas diferenciações.

Como afirma Deleuze (2002, p. 12): “Pode-se dizer da pura imanência que ela é uma vida, e nada diferente disso. Ela não é imanência à vida, mas o imanente que não existe em nada também é uma vida. Uma vida é a imanência da imanência, a imanência absoluta: ela é potência completa, beatitude completa”.

Assim, “[...] o cotidiano escolar como campo possível para a potência micropolítica, engendradora nos encontros, nos afetos, afecções, nos movimentos de corpos que causam

ressonâncias na invenção e composição de um corpo sensível ao entrar em relação com o outro” (KRETLI; DELBONI, 2014, p. 186) e, nestes tempos outros, um cotidiano escolar virtual.

A problematização que tecemos adiante não pretende responder, mas dá pistas de movimentos possíveis no uso da metodologia da pesquisa com os cotidianos em tempo de pandemia e tendo-o como um espaço virtual de produção de conhecimento, educação, currículos e docências.

Insurgências possíveis II: pesquisas com os cotidianos.

Apostamos, em nossos estudos, no uso da metodologia das pesquisas com os cotidianos. Pesquisar *com* tem a ver com uma postura ética, estética, política e poética de afirmação de uma vida que é constituída em redes complexas e negociadas com os múltiplos praticantes dos cotidianos escolares. Nessa pesquisa, assumimos também um compromisso político de defesa das escolas públicas diante do descaso do atual governo federal, pois encontramos nas práticas cotidianas das escolas uma potência afirmativa de que continuamos resistindo aos modos fascistas e negacionistas da “era” Bolsonaro.

Em frente ao exposto, uma insurgência possível na realização de uma pesquisa com os cotidianos foi apropriar-se dos artefatos tecnológicos como campo de pesquisa. Diante da realidade do isolamento social, criar espaços virtuais para tecer redes de conversações, oficinas corporais, produção de imagens e narrativas se tornou uma linha de fuga inventiva.

Os per-cursos metodológicos são problematizados a partir de Alves (2008) ao delinear os cinco aspectos que julga importante para a pesquisa com os cotidianos, sendo eles: o *sentimento do mundo*, o *virar de ponta-cabeça*, o *beber em todas as fontes*, o *narrar a vida e literaturalizar a ciência* e o *movimento ecce femina*.

Fissurar o lugar instituído-físico da realização da pesquisa com os cotidianos e tecer um outro olhar para o campo de pesquisa pode ser pensado como o *sentimento do mundo* cuja premissa enfatiza sentir o mundo como lugar de criação de conhecimento vital e válido. Nesse sentido, as redes virtuais são lugares cotidianos de produção de pesquisa em educação.

Virar de ponta cabeça, no contexto da pandemia e da necropolítica implementada no Brasil, pode ser pensado como criar outros processos de produção de dados diante da complexidade das atuais condições sanitárias vividas desde 2020. Em continuidade, *beber de todas as fontes* nos lança ao desafio de borboletar por múltiplas fontes possíveis de pesquisar.

Em consonância com os movimentos supracitados, o ato de narrar a vida e literaturalizar a ciência diz respeito a uma escrita que compõe com uma vida em acontecimento, ou seja:

[...] não obedeça à linearidade de exposição, mas que teça, ao ser feita, uma rede de múltiplos, diferentes e diversos fios; que pergunte muito além de dar respostas; que duvide no próprio ato de afirmar, que diga e desdiga, que construa uma outra rede de comunicação, que indique, talvez, uma escritafala, uma falaescrita ou uma falaescritafala (ALVES, 2008, p. 31).

O caminhar dessa pesquisa em educação tem procurado tecer redes de fazeres-saberes que sinalize outros modos de compor conhecimentos com os cotidianos escolares. Concernentes ao modo de literaturização da ciência, apostamos em uma *escrita menor* (DELEUZE; GUATTARI, 2017), aparecendo nos estudos como insurgências poéticas em educação. Assim, concordamos com Alves (2008, p. 29): “A importância de mudar tudo leva, obrigatoriamente, à necessidade de incorporar tanto o diverso como a totalidade de cada expressão individual, assumindo com decisão o diferente e o heterogêneo”.

A princípio, pode parecer não haver diferenças entre os procedimentos teórico-práticos de uma pesquisa com os cotidianos, seja de modo presencial, seja de modo remoto. Entretanto, pesquisar na pandemia e no desgoverno bolsonarista sucumbe os corpos ao cansaço remoto, à saturação de tantas informações da vida na frente de um computador ou celular e à ausência de encontros-afecções que são possibilitadas por práticas presenciais.

Contudo, como afirma Carvalho (2009, p. 200): “A compreensão do currículo como redes de conversações e ações complexas exige, também, a constatação de que ele pode ocorrer no ciberespaço, por meio das tecnologias da computação”.

Nesse viés, a presente pesquisa aconteceu-acontece inventando aproximações, negociando modos de virtualidades remotas, insurgindo atos de resistência a uma *vida besta* (PALBERT, 2013), desatando nós que prendem a respiração da garganta e pensando como insurgir é possível quando pesquisar com os cotidianos escolares é pressupor que cotidianos são lugares imanentes, são lugares que pulsam vidas, são lugares habitados por corpos que pensam-praticam educação e currículos e docências e... são lugares de resistência.

Referências

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (org). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes*. Petrópolis: DP et Alii, 2008.

CARVALHO, Janete Magalhães. *O cotidiano escolar como comunidade de afetos*. Petrópolis, RJ: DP et Alii; Brasília, DF: CNPq, 2009.

CENTELHA. *Rupturas*. São Paulo: N-1 Edições, 2019.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

DELEUZE, Gilles. A imanência: uma vida... *Revista Educação&Realidade*: Faculdade de Educação da UFRGS, Porto Alegre, v. 27, n. 2, jul./dez. 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/31079/19291>. Acesso em: 23 maio. 2020.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

KRETLI, Sandra; DELBONI, Tânia. Dando língua aos afetos que pedem passagem: a potência das pesquisas com os cotidianos. In: GARCIA, Alexandra; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (org). *Aventuras de conhecimento: utopias vivenciadas nas pesquisa em educação*. Petrópolis, RJ: De Petrus; Rio de Janeiro, RJ: Faperj, 2014.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 Edições, 2020.

MBEMBE, Achille. *O direito universal à respiração*, 2020. Disponível em https://pospsi.com.br/wp-content/uploads/2020/09/TEXTOS_20-achille-mbembe.pdf. Acesso em: 12 mar. 2021.

PALBERT, Peter Pál. Vida nua, vida besta, uma vida. In: PALBERT, Peter Pál (org). *O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento*. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

SILVA, Luciene. Currículo em tempos de pandemia: como continuar a aprendizagem? *Pedagogia em Ação*. Belo Horizonte, v. 13, n. 1, 2020. p. 122-132. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/23758>. Acesso em: 17 maio. 2021

[1] Dados de 11 de junho 2021.